

01

ENTREVISTA COM FARAH MENDLESOHN¹

Lígia Regina Máximo Cavalari Menna
Paulo César Ribeiro Filho

Lígia Regina Máximo Cavalari Menna

Doutora em Letras (Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa), pela Universidade de São Paulo (USP), onde também realizou um pós-doutorado.

Professora Adjunta na Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), colíder do grupo de pesquisa “Produções literárias e culturais para crianças e jovens” (USP).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6923282866494290>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-0860-1631>.

Site: www.ligiamenna.com.br.

Paulo César Ribeiro Filho

Pós-doutorando pelo Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Doutor em Letras (Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) pela mesma instituição.

Mestre em Literatura Portuguesa (2017) com estágio de investigação junto ao Instituto de Estudos de Literatura e Tradição da Universidade Nova de Lisboa (Portugal).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9686211444786314>.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-2480-4508>.

E-mail: paulocrf@usp.br.

1 Realizada por e-mail durante os dias 20 a 30/01/2025. Tradução e versão do Prof. Dr. Paulo César Ribeiro Filho.



Historiadora e acadêmica britânica, Farah Mendlesohn é escritora de ficção especulativa e membro ativo do fandom de ficção científica. Mendlesohn é reconhecida por seu livro *Rhetorics of Fantasy* (*Retórica da Fantasia*), de 2008, que classifica a literatura de fantasia em quatro modos com base em como o elemento fantástico intervém na história. Seu trabalho como editora inclui dois volumes do *Cambridge Companion: Science Fiction* e *Fantasy*, colaborações com Edward James. O primeiro foi laureado com um Prêmio Hugo. Mendlesohn também publicou livros sobre a história da fantasia, incluindo *Children's Fantasy Literature: An Introduction*, escrito em parceria com Michael Levy. Esse foi o primeiro trabalho a traçar os 500 anos de história do gênero e ganhou o *World Fantasy Award*. Farah Mendlesohn é catedrática na Anglia Ruskin University, atuou como editora e presidente da revista de ficção científica *Foundation* e como presidente da *International Association for the Fantastic in the Arts*. Em 2015, Mendlesohn recebeu o prêmio Clareson da SFRA por serviços notáveis prestados ao campo da ficção científica.

P.: Sra. Mendlesohn, em primeiro lugar, gostaríamos de agradecer imensamente por nos conceder esta entrevista, contribuindo com a pesquisa de muitos estudiosos da fantasia e da ficção científica que admiram seu trabalho e citam suas obras como fontes indispensáveis. Sua obra mais conhecida entre os estudiosos brasileiros é *Rhetorics of Fantasy*², que, infelizmente, ainda não foi traduzida para o português. Nesse livro, você considera que o debate sobre a definição de fantasia já é antigo e que um consenso surgiu, e se propõe a buscar uma compreensão acerca da constituição do gênero, observando

2 MENDELSON, Farah. *Rhetorics of Fantasy*. Wesleyan University Press, 2008.

sua linguagem e retórica, fornecendo ferramentas críticas para uma análise mais profunda. Embora não tenha sido seu objetivo principal, seu trabalho contribuiu para uma melhor definição do gênero fantasia aqui no Brasil, comumente confundido com outras categorias, gêneros e modalidades, como o fantástico, e muitas vezes completamente desconsiderado em pesquisas acadêmicas, apesar de sua grande evidência no mercado editorial brasileiro. O consenso que você aponta em sua obra ganhou novas dimensões ou especificidades desde a primeira publicação, considerando os diferentes hibridismos do gênero e o surgimento de novos autores e obras de ficção fantasista?

R.: O consenso sobre o que é fantasia e, talvez mais importante ainda, sobre como ela é escrita, se fragmentou desde que escrevi *Rhetorics of Fantasy*. Novas formas de pensar o fantástico e, particularmente, a relevância das ideias de Attebery, Clute, Sullivan, Irwin, Mendlesohn e outros para a escrita não anglo-saxônica estão levando a desafios muito interessantes. Vale a pena prestar atenção em três acadêmicos (entre muitos outros): Joy Sanchez-Taylor, Grace Dillon (ficção científica nativa americana) e Bodhisattva Chattopadhyay (do projeto CoFUTURES de Oslo). Todos têm abordagens muito interessantes sobre a estrutura e as poéticas fantásticas não anglófonas.

P.: **Você aponta que há certas técnicas retóricas identificáveis na fantasia, condicionadas ou adequadas às expectativas do leitor em relação a esse gênero, e que determinam, até certo ponto, o sucesso de uma obra. Em termos gerais, quais seriam essas técnicas? Em outras palavras, quais técnicas literárias são mais adequadas às expectativas do leitor?**

R.: Deixo bem claro que o livro é composto por observações, não um manual de instruções. Se há alguma técnica retórica importante, é o fato de *considerar o fantástico como algo natural*. Se você não conseguir fazer isso, seu trabalho sempre parecerá um pouco enfadonho. Há uma tensão aqui, pois, de fato, há muitos leitores que se deleitam com descrições e detalhes do plano de fundo, mas um bom conselho é que há uma diferença entre descrever e explicar.

Descrevendo: Helen adorava a ornamentação do antigo escritório de correspondência. Os tubos de envio movidos a vapor brilhavam com o alto polimento do latão. Os golens empregados para mantê-los brilhantes trabalhavam 24 horas por dia.

Explicando: Helen adorava o antigo escritório de correspondência. Ele fora construído no século passado e ainda usava tubos de envio. Eles eram feitos de latão. Para mantê-los brilhantes, usavam golens que nunca precisavam dormir.

Uma vez que isso estiver bem definido, você poderá jogar com todos os tipos de técnicas retóricas. O mais complicado, porém, é o uso da metáfora: há duas questões fundamentais. A primeira é que a ficção científica e a fantasia tendem a tornar a metáfora literal, de modo que grande parte das metáforas disponíveis para o escritor mimético pode ser muito engraçada na ficção científica (“Seu coração explodiu de paixão”). A segunda é que, se você usar metáforas e alusões do mundo real, quebrará a ilusão. E as metáforas são políticas: as metáforas têm uma coerência com sua cultura, uma metáfora fala sobre a maneira como o orador ou narrador vê o mundo.

Considero o livro *Metaphors we Live By*, de Lakoff e Johnson, muito útil para isso. Por fim, o ritmo é pouco discutido. Diferentes tipos de fantasia empregam ritmos diferentes, e considero a música útil para isso. Se você pensar na música com a qual deseja que seu romance/história soe, isso pode ajudá-lo a moldá-lo. Certa vez, ouvi o *Ring Circle*, de Wagner enquanto lia *O Senhor dos Anéis* (JRR Tolkien) e funcionou perfeitamente, ao passo que o gótico tem tudo a ver com tons mais graves e longos atrasos finalizados com arremates repentinos.

P.: Observamos que sua pesquisa tem se concentrado na área de ficção científica. Como e quando surgiu seu interesse pela fantasia? Como sua pesquisa como crítica de ficção científica contribuiu para as propostas de seu livro?

R.: Eu lia fantasia quando criança e na adolescência, mas nunca fui uma fã de Tolkien como meus amigos eram — eu lia coisas muito variadas para isso. A ficção científica era onde meu cérebro estava, porque é nitidamente política e filosófica, e é assim que eu penso. Mas eu lia muita fantasia infantil — eu tinha ficado muito doente na infância e adolescência e não fazia muito além de sentar na cama e ler. Então, em 2003, organizei uma conferência sobre fantasia infantil com um amigo. Mais ou menos na metade do evento, percebemos que ninguém estava apresentando uma nova fantasia. Fui para casa (e isso responde à segunda parte da pergunta) e tirei toda a minha nova fantasia infantil das prateleiras, e comecei com perguntas que usamos muito na ficção científica: *como sei que é fantasia, como o fantástico entra no texto?* A primeira delas moldou os capítulos sobre fantasia imersiva e liminar, a segunda moldou

os capítulos sobre fantasia de busca via portal (Portal-Quest) e de intrusão.

P.: Seu livro apresenta um novo sistema de classificação para o gênero, considerando quatro categorias baseadas na relação dos personagens com o mundo real e o mundo sobrenatural (insólito, fantástico), principalmente levando em consideração o modo como os personagens acessam esses mundos secundários. São apresentadas a fantasia de busca via portal, a fantasia imersiva, a fantasia intrusiva e a fantasia de limiar. Em termos gerais, quais são as principais diferenças entre essas categorias se considerarmos a posição retórica assumida pelo autor/narrador? E as expectativas dos leitores também são diferentes?

R.: Na fantasia de portal (portal-quest), sempre somos estranhos: vemos apenas a superfície e dependemos de nossos guias. A fantasia mais antiga confiava-se muito na figura do guia; na fantasia mais recente, o guia pode estar mentindo. Na fantasia imersiva, apenas estamos em um mundo secundário na companhia do protagonista. Tudo é tão normal quanto é em nosso mundo. Na fantasia de intrusão, o fantástico invade nosso mundo (ou o mundo imersivo). Na fantasia de limiar, nunca há a certeza se cada novo elemento que surge é fantástico ou normal. Há sempre uma incerteza para o leitor, mas o narrador geralmente está bastante confiante.

P.: Há algo que você mudaria na abordagem adotada em seu livro, considerando as produções contemporâneas? Se sim, o que você mudaria?

R.: Eu não mudaria nada, mas o livro foi muito guiado pelos “inícios” (o começo) das histórias, e há muito tempo eu queria escrever um novo capítulo, *A Sense of an Ending* (Um senso de fim). Quero pensar se cada uma dessas formas/estruturas termina de maneira diferente e se a estrutura conduz os finais.

P.: Atualmente, existem movimentos que visam dar maior visibilidade às minorias, dando voz às mulheres, aos negros e aos LGBTQ+. Como você tem observado a representação dessas minorias na ficção de fantasia, considerando a trajetória histórica desse gênero?

R.: Há alguns autores que fazem isso. Quando eu era criança, tínhamos que identificar nossa presença nas coisas, embora já existissem algumas coleções e escritores queer, como Joanna Russ e Samuel Delany. Sou judia e apenas recentemente houve um momento em que percebi que a série *Memoirs of Lady Trent*, de Marie Brennan, se passa em um mundo judeu padrão. O que apenas alguns críticos estão realmente considerando é se isso traz mais do que um novo tema a ser discutido. Os livros *Never on Time, Always in Time: Narrative Form and the Queer Sensorium* (2024), de Kate McCulloch, e *Science Fiction and Authors of Color* (2021), de Joy Sanchez-Taylor, bem como seu próximo livro sobre fantasia, abordam essa questão, argumentando que há novos modos de contar histórias surgindo ou sendo trazidos para a fantasia e ficção científica anglófona de outras culturas e tradições. Isso também pode ser visto em algumas coleções muito interessantes que foram lançadas sobre ficção científica árabe, filipina, indiana etc.

P.: Por fim, poderia nos falar sobre sua pesquisa atual?

R.: No momento, estou tentando concluir dois livros. Ambos deveriam ter sido concluídos há vários anos, mas peguei covid no início de 2020 e levou muito tempo para recuperar a capacidade intelectual (e ainda há coisas que considero difíceis). O primeiro livro é sobre um autor de literatura infantil, Geoffrey Trease. Seus leitores não o conhecerão. Ele foi um escritor britânico que começou a escrever em 1934 e publicou seu último livro em 1992. Ele nunca quis ser um escritor de literatura infantil, mas escreveu três livros infantis de esquerda na década de 1930, uma versão de Robin Hood, uma história sobre o movimento cartista e um livro sobre a revolução mexicana; esses livros tiveram um impacto tão grande que ele e sua carreira mudaram o campo. Ele não é um escritor excepcional, mas é importante para a história da literatura infantil, e eu adoro seu trabalho. O segundo (e espero terminar o rascunho em fevereiro) é sobre *The Female Man*, de Joanna Russ. Eu amo muito esse livro. Tem sido meu romance favorito desde a adolescência (foi publicado no Reino Unido pela *The Women's Press* em 1985). Eu queria discutir a retórica, bem como o conteúdo do livro, pois acho que é uma obra de ficção experimental realmente brilhante. Espero ter feito justiça a ele. Muito obrigada pelo convite.

REFERÊNCIAS

- BRENNAN, Marie. *A Natural History of Dragons: A Memoir by Lady Trent*. Nova Iorque: Tor Books, 2013.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors We Live By*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

MCCULLOUGH, Kate. *Never on Time, Always in Time: Narrative Form and the Queer Sensorium*. Columbus: The Ohio State University Press, 2024.

RUSS, Joanna. *The Female Man*. Nova Iorque: Bantam Books, 1975.

SANCHEZ-TAYLOR, Joy. *Diverse Futures: Science Fiction and Authors of Color*. Columbus: The Ohio State University Press, 2021.

TOLKIEN, J.R.R. *The Lord of the Rings*. Londres: Allen & Unwin, 1954-1955.